

# ANTÓNIO RIÇO: UM OPERÁRIO ILUMINADO

## ANTÓNIO RIÇO: AN ENLIGHTENED WORKER

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i26p107-127>

Riccardo Cocchi<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo pretende-se, em primeiro lugar, resgatar uma parte da biografia e da produção literária do operário-escritor António Riço, oriundo da cidade de Covilhã (Portugal). Para esse efeito, serão recolhidos – principal, mas não exclusivamente – os dados biográficos contidos na própria obra de Riço. Secundariamente, visa-se evidenciar, por meio dos excertos retirados dessa mesma produção literária, como a escrita tem sido para esse autor uma via para expressar a necessidade e a urgência de denunciar as várias problemáticas de natureza sociocultural e injustiças do seu tempo. Finalmente, em anexo, vão ser disponibilizados os endereços eletrônicos para consultar, na íntegra, de todos os números da revista *Florinda*, que António Riço contribuiu para fundar e da qual foi coordenador editorial.

### PALAVRAS-CHAVE

António Riço; Covilhã; Revivências; *Florinda*; Literatura portuguesa.

### ABSTRACT

*In this article it is intended, in the first place, to rescue a part of the biography and literary production of the worker-writer António Riço, who was born in the city of Covilhã (Portugal). For this purpose, biographical data contained in Riço's work will be collected – mainly, but not exclusively. Secondly, it aims to show, through excerpts taken from that same literary production, how writing has been a way for this author to express the need and urgency to denounce various problems of socio-cultural nature and injustices of his time. Finally, in an attachment, the electronic addresses will be made available to consult, in full, all the editions of Florinda magazine, which António Riço contributed to found and of which he was the editorial coordinator.*

### KEYWORDS

*António Riço; Covilhã; Revivências; Florinda; Portuguese literature.*

<sup>1</sup> Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.

*As the sun goes down on a broken town  
And the fingers bleed in the factories  
Editors – Fingers in the factories*

## INTRODUÇÃO

Na música *Chuva*, composta por Jorge Fernando, os últimos dois versos da primeira estrofe recitam: “Há gente que fica na história, na história da gente / E outras de quem nem o nome lembramos ouvir”. Dir-se-ia que o sentido dessas duas sentenças cabalmente se aplica a António Riço, cuja vida e obra são convocadas neste artigo para dar a conhecer a sua figura ímpar dentro do panorama histórico da cidade de Covilhã (Portugal), fazendo assim jus aos seus méritos de cidadão engajado, tanto no que toca às suas vivências de luta social quanto à sua atividade literária.

## 1 NOTA BIOGRÁFICA SOBRE ANTÓNIO RIÇO

António Riço – cujo nome completo é António Manuel Martins Nunes Riço – nasceu na cidade de Covilhã, na freguesia de Santa Maria, a 29 de julho de 1942. Diz-nos esse mesmo autor, no seu poema *Cantar a vida desde pequenino*, que, aos cinco anos de idade, a sua “mãe dedicadilha” comprara-lhe umas “alprecatas” [sic] em ocasião da sua entrada “na pré-primária na escola de Sta. Teresinha” (RIÇO, 2000, p. 37). Sempre nessa composição António Riço refere que aos doze anos, sem que ninguém o consultasse, foi realizado pelo seu pai um pedido para que o jovem começasse a trabalhar dentro de uma fábrica. E é simbólico que, a partir desse dado biográfico, sejamos confrontados com uma outra declaração análoga desse operário-escritor em que delineia uma hipotética conversa de uma família covilhanense, na qual, ainda assim, utiliza o seu nome de batismo. Vejamos em concreto:

Quantas vezes, em quantos lares, não se travou este diálogo entre esposa e marido a propósito do futuro e da sorte dos filhos: - o nosso António acabou agora a instrução primária, tu não achas que devíamos fazer uns sacrifícios e manda-lo para a Escola Industrial fazer um curso, ele, até tem inteligência, era só uma questão de oportunidade e estímulo... - disse o pai -. - Até parece que tu não conheces as dificuldades que vão cá por casa? ... Estudar, é só para quem pode!..., vai mas é trabalhar prá fábrica..., precisamos da féria dele para ajudar a criar os irmãos... - disse a mãe (RIÇO, 1999a, p. 31-32).



Naquela fábrica aonde amassava o corpo e a mente  
dali não podíamos sair éramos operário-dependentes.  
Breve pausa quando abria uma janela e por encanto  
e do trabalho me esquecia nesse pequeno entretanto.  
Por debaixo da janela em cada passo dela: liberdade  
e passando ondeando sua beleza nela havia claridade (RIÇO, 2000, p. 37).

É essa claridade, pois, a faísca que acendeu o estopim do gênio criativo e crítico de António Riço; e, para além disso, esse seu anseio pela liberdade, juntamente com o fervoroso desejo de transformar aquele que era o *statu quo* de miséria em que se encontravam na Covilhã milhares de outros indivíduos operários como ele, determinaram, no final da década de sessenta, o começo da sua empreitada literária.

## 2 SOBRE A PRODUÇÃO LITERÁRIA DO OPERÁRIO-ESCRITOR

### PARTE PRIMEIRA: AS *REVIVÊNCIAS*

Sem sombra de dúvida, o fato de António Riço ter sido um autodidata, no que diz respeito à sua formação literária, confere um ulterior motivo de mérito para a produção escrita desse operário exemplar. De resto, conforme nos informa Manuel da Silva Ramos – outro escritor natural da Covilhã e só de cinco anos mais novo que António Riço – dentro da sua “factoficção”, titulada *Café Montalto*, “[Riço] era o tecelão mais intelectual da Covilhã, mais lido e mais respeitado pelos outros trabalhadores que o escutavam sempre com devoção e simpatia” (RAMOS, 2004, p. 309).

A nível prático, a obra aqui reunida de António Riço resume-se, sensivelmente, a estes dois conjuntos de textos: a seleção de crônicas, escolhidas pelo mesmo autor, já publicadas em jornais e que confluíram no volume titulado *Revivências* e as suas contribuições dentro de *Florinda*, a revista cultural da Câmara da Covilhã, editada com cadência trimestral desde julho de 1997 até novembro de 2001. Ora, sendo o propósito deste artigo apresentar o aspecto mais engajado do operário-escritor covilhanense, é oportuno concentrar particular atenção, no que toca às crônicas de *Revivência*, àqueles textos que remetem à época antes do famoso 25 de Abril de 1974, a qual, segundo o próprio Riço, enquadrava-se dentro de um “tempo difícil”, em que “se tornava essencial e

determinante assumir com coragem os desafios de uma opinião amordaçada que, ainda havia de esperar dois anos para festejar finalmente uma imprensa livre” (RIÇO, 1999b, p. 7).

Dentro desse conjunto, formado por dez crônicas pela exatidão, logo a seguir da primeira composição – uma reflexão contemplativa a partir de um olhar que registra a rotina do Pelourinho da Covilhã – intitulada “Grades”, impressiona o conteúdo de “Escreve, homem, escreve!” porque é o texto que, em maior medida do que outros, comunica-nos o credo literário de António Riço, credo esse que se casava em perfeita simbiose com a sua postura humanística e solidária. Por este motivo, julga-se indispensável reportar essa composição na íntegra:

Sai das trevas da noite em que mergulhas voluntariamente. Liberta-te do obscurantismo e salta para um novo dia de esperança. Faz da tua esferográfica uma faca afiada e rasga o ventre da mentira para que a verdade surja em écran panorâmico. É certo que tens uma vida cheia de problemas... De lançadeiras e fusos. E que pode aspirar um homem com uma vida cheia de lançadeiras e fusos? Problemas toda a gente tem! Ver-se transformado em trapo ou em alcatifa que a burguesia irá pisar tranquilamente, acontece a muito boa gente. Não podes transformar o acto de escrever numa dilatação de frustrações e recalcamientos. Mas, podes e deves transformar a palavra escrita em pedra que atirarás com a intenção de acertar em cheio nas ventas da hipocrisia. É-te difícil manter a verticalidade (os teus filhos não se alimentam disso), mas a tua consciência impõe-te que não vás em concessões até embarcares no navio da corrupção e da prostituição. Preferes navegar nas águas límpidas do teu ser e do teu estar, e deixas as águas turvas para os que te aconselham a emigrar. A ti que já és emigrante, espiritualmente, há procura de valores, de lugares, e de homens que não encontras num quotidiano insípido e amorfo, numa cidade de carros aguçados, engrenagem para onde o reaccionarismo te empurra para assistir ao esfacelar da tua dignidade. Comes o pão duro da tua realidade, ainda que este te fira a garganta que mesmo em sangue não deixará de gritar por justiça. O teu conceito de vida leva-te a brincar com as crianças da rua, com sorrisos em flor e ranho no nariz. A conviver com estudantes, cuja inconstância compreendes mas não acompanhas. Segues o camarada de trabalho e bebes com ele mais um copo na taberna, partilhando a sua angústia existencial. Realmente a vida é má! Escreve, homem, escreve! Porque escrever, é para ti, como que lançar lenha na fogueira das tuas ideias e das tuas convicções. Até que, estranho extintor se manifeste calando a tua voz. Porém, nada te separará da tua condição, porque és um bocado de povo (RIÇO, 1999b, p. 11).



de um momento para outro, se encontram sem luz e sem água, originando os contratempos que se podem imaginar” (RIÇO, 1999b, p. 12).

Segue-se “Sem justa causa” em que, como o próprio título sugere, é relatado um iníquo episódio de demissão. João, protagonista e vítima dessa crônica, representa a jovem classe de trabalhadores daquela altura que, sob a égide do determinismo, perpetuava o ciclo segundo o qual um filho de operário haveria de ser operário também; nesse episódio, ainda por cima, essa condição é agravada pelo fatalismo acarretado pelo Contrato Coletivo de Trabalho desses tempos que, obrigando os patrões a pagarem um salário conforme a idade e a experiência dos seus empregados, tornou-se o pretexto para prejudicar jovens que, tal como o João, já acumulavam anos de prática de trabalho desde muito novos. Com esse relato, António Riço revela-nos as fragilidades de uma categoria de trabalhadores, isto é, os jovens em idade de serviço militar, “de quem os patrões se procuram desvencilhar”, pois esses rapazes não resultavam ser abrangidos por qualquer legislação nacional do trabalho a diferença, por exemplo, das mulheres grávidas.

A quinta e a sexta crônica, tituladas, respectivamente, “Uma estória de fabrico” e “Escuro é que não”, possuem um matiz mais anedótico e, conseqüentemente, um menor interesse para a nossa análise, embora se possa retirar da segunda composição a seguinte reflexão sobre o racismo: “A pele do homem, tanto pode ser escura pela sua condição biológica, como por ser exposta ao sol e ao frio, nos rudes trabalhos que a necessidade de sobreviver impõe” (RIÇO, 1999b, p. 17).

Depois, o texto “A ‘Manchester’”<sup>1</sup> abre-se com uma reminiscência do período áureo da indústria lanígera e dos resíduos dessa época histórica da cidade de Covilhã que perduram refletidos na divisão nítida entre as camadas sociais. Com as palavras de António Riço:

Era o tempo das ‘vacas gordas’, a indústria ia vento em popa. Os tempos passaram e as vacas mirraram. No entanto, a mentalidade feudalista-empresarial continua a voar, ficando apenas alguns capitalistas ‘poucos’ com os pés assentes na terra firme da realidade... O operário pendurado na sua lancheira, cumpriu ao longo dos anos o fatal itinerário; de casa para o trabalho e do trabalho para casa.

---

<sup>1</sup> Esse foi o epíteto com o qual se costumava designar a Covilhã, conhecida outrora como “a Manchester portuguesa”. Hoje em dia, essa designação caiu em desuso, devido à evidente menor preponderância da indústria dos lanífcios. Geralmente, são as pessoas de idade mais avançada, como se pode deduzir, aquelas que conhecem o verdadeiro significado dessa designação.

Somente lhe era pedida a sua colaboração e compreensão quando a falência chega à fábrica (RIÇO, 1999b, p. 18).

Esse excerto, que remonta – na sua publicação original no jornal *Notícias da Amadora* – à data de 18 de novembro de 1972, representa o processo já em andamento rumo à decadência dos lanifícios, que marcou o panorama histórico de Covilhã nas primeiras décadas da segunda metade do séc. XX e que nos é assim descrito por Elisa Pinheiro e Santos Silva:

Assiste-se então à acentuada e brusca decadência do modelo de desenvolvimento da indústria local, decorrente de uma profunda mudança estrutural, que se vinha desenhando mais nitidamente, a partir de finais da década de cinquenta e que veio agudizar-se durante a década de sessenta, quando se acentuou a perda de competitividade industrial da cidade, face à emergência de novos pólos industriais, em consequência da abertura de novas áreas económicas e novos mercados. A adesão de Portugal à EFTA<sup>2</sup> [...] fez surgir [...] uma maior concorrência que [...] exigia uma resposta pronta no domínio da renovação do anquilosado parque de máquinas instalado e da inovação quer ao nível do produto quer ao da própria gestão empresarial [...]. Os empresários locais, habituados ao protecionismo estatal [...] não conseguiram vencer os obstáculos que entravaram a reorganização empresarial e muitos deles refugiaram-se nos mercados garantidos das colónias portuguesas (PINHEIRO; SILVA, 2012, p. 62).

Ora, como se pode intuir, a Revolução dos Cravos de 1974 foi um evento que, obviamente em concomitância com outros fatores também progressos, deu o golpe da misericórdia àquela que era a já agonizante e moribunda indústria da lã da urbe covilhanense. De fato, desta maneira continua a narração histórica de Pinheiro e de Silva:

A crise energética e a mudança de regime político preconizada pela revolução do 25 de Abril, constituíram os detonadores da grave crise estrutural subjacente, encontrando a maior parte dessas empresas descapitalizadas e obsoletas, sobrevivendo, até então, do preço baixo da sua mão-de-obra. [...] As falências em cadeia [...] arrastaram na enxurrada a maior parte do já frágil tecido empresarial, sem capacidade para resistir à tempestade, transformando a cidade industrial num espaço social depressivo e sem futuro. Os amplos e inanimados espaços industriais foram-se transformando em sucessivas ruínas (PINHEIRO; SILVA, 2012, p. 62).

---

<sup>2</sup> European Free Trade Association.

António Riço, presenciando em primeira pessoa esse cenário na época em que foi escrito o texto “A ‘Manchester’”, estava a nos oferecer uma visão lúcida do seu tempo, chegando a antecipar até, de certa forma, o desfecho que estava por vir. E, mesmo assim, sem fazer questão de esconder uma sutil e, ainda assim, bastante afiada ironia, o operário-escritor remata a sua crônica traçando em poucas linhas aquela que é, em verdade, a cruel essência da sua pequena cidade de nascença, situada no interior de Portugal:

Com o impulso industrial levado a efeito noutras partes do país, a Covilhã, ficou nitidamente para trás. Ficou-lhe só o hábito de tomar o chá das cinco, hábito esse, importado (talvez) do país dos Lords. No ambiente cómodo da casa do burguês, o chazinho, acompanha os biscoitos e os pastéis de nata. Na modesta casa do operário, acompanha o pão, azeitonas e sardinha frita (RIÇO, 1999b, p. 18).

A oitava crônica dessa referida primeira fase de António Riço titula-se “Perdido na cidade” e gira em torno de uma situação paradoxal que não deixa de gerar uma série de questionamentos. De fato, ao reportar uma entrevista com José Custódio, um jovem aprendiz de pintor de dezessete anos, Riço chega a saber do rapaz que lhe negaram o acesso ao cinema porque estava a ser estreado um filme para maiores de dezoito anos, da mesma forma que lhe é impossível, por não ter essa idade, descontar para a Caixa de Previdência. Por isso, só pode ser amarga a consideração final do autor que diz que “[Zé Custódio] bebe uns copos como homem adulto; mostra aquelas mãos rudes com algumas chagas”, acrescentando que “poderia trabalhar nos Pirinéus ou talvez nos Alpes, só não pode ir ao cinema porque ainda não tem 18 anos” (RIÇO, 1999b, p. 20).

O texto sucessivo, chamado “Os saudosos tempos do salto”, trata de um assunto que, ainda hoje, diz muito aos habitantes não só da própria Covilhã, mas, de maneira geral, a todos aqueles que residem na região da Beira Interior: a emigração. Aqui, mais do que a experiência particular do autor, é interessante aquele que é o juízo que ele mesmo formula, com base empírica, acerca da emigração *latu sensu*:

Pela experiência adquirida, poderei afirmar que, os emigrantes que partem de zonas rurais, encontram como vantajosas todas as condições que se lhes deparam, ainda que estas sejam das mais aviltantes... Nós, proletários da indústria, temos quase sempre

oportunidade de optar, esta é a vantagem do emigrante que parte de uma zona industrial (RIÇO, 1999b, p. 22).

Finalmente, a décima crônica “Cantando na noite” é aquela que encerra este ciclo. O texto homenageia as janeiras, que são “tradicionalistas cânticos de uma quadra, levadas de porta em porta [...] em nome da paz e da concórdia entre os homens” (RIÇO, 1999b, p. 23). E é, segundo António Riço, essa tradição, ainda hoje em voga em Covilhã, um baluarte que, mesmo nas noites frias de dezembro, desce à rua “num desafio à máquina trituradora dos valores populares, posta em funcionamento pela civilização em que vivemos, que outro fim não tem, do que reduzir-nos a simples peças de uma engrenagem, sempre funcionais” (RIÇO, 1999b, p. 23).

Coincidentemente, esta última composição, cuja temática está de forma indiscutível ligada à cultura popular, é aquela que agora nos permite uma transição harmônica para o próximo conjunto de textos, publicados ao longo dos vários números da revista cultural da Câmara da Covilhã: *Florinda*.

## **PARTE SEGUNDA: FLORINDA OU A CULTURA À MANEIRA DE UMA COVILHÃ QUE JÁ NÃO EXISTE?**

Para além das inúmeras contribuições em vários jornais, António Riço foi o coordenador editorial da revista cultural da Câmara Municipal da Covilhã e seu “animador”, utilizando a expressão de João Carlos Correia, o qual não só colaborou com a revista em causa, mas é, atualmente, também professor da Universidade da Beira Interior.

Nessa experiência, mantendo constantemente o seu papel referido na revista, que teve um total de nove números publicados, o operário-escriptor chegou a redigir em cada número ao menos um texto, feita exceção pelo penúltimo exemplar da série.

Como é expectável, aqui a maneira de escrever resente do considerável afastamento, em termos temporais, daquela época que era descrita antes da Revolução do 25 de Abril. Inclusive, a revista foi moldada em um cunho mais distante daquele em que se forjaram as crônicas de *Revivências*, nas quais foram utilizadas “as ferramentas com que se talha em verbo, a denúncia subjetiva de gritantes injustiças” (RIÇO, 1999b, p. 7). Com efeito, *Florinda* – cujo nome está inspirado na figura histórica da filha homônima do Conde Julião, a quem, segundo reza a lenda, está ligada a origem do topônimo de Covilhã – é uma

publicação cujo propósito final, conforme nos diz António Riço, se quer alcançar de outra maneira respeito àquele dos seus anteriores trabalhos jornalísticos. Assim, com as suas palavras, no editorial do primeiro número da revista, podemos facilmente comprovar isso:

“Florinda” por ora, só quer dedicar-se exclusivamente à cultura. Ela parte do princípio, segundo o qual ninguém deve ser excluído deste bem que a todos traz benefícios... Cultura e democracia são dois substantivos que se conjugam mutuamente. Coexistem na nossa sociedade vários patamares de cultura, vivendo divididos por interesses económicos. No vértice da sua acção, “Florinda” lutará por uma cultura de fraternidade, procurando na diversidade e na pluralidade o caminho para que a cultura seja toda uma... No fim do ciclo, talvez, a semente agora lançada à terra no chão da palavra, floresça na sua razão primordial, fundida com as revelações do esforço e o rasgo da intuição (RIÇO, 1997a, p. 1).

Nesse excerto, é assim evidente a mudança ocorrida na abordagem àquilo que antes era uma verdadeira luta contra um regime de opressão e a nova realidade que se perspectiva nesse outro tempo em que se editou a *Florinda*; noutras palavras, se antigamente se falava da escrita tal como uma pedra que se devia atirar, a visão atualizada considera aquela atividade ao par de “semente agora lançada à terra no chão da palavra”.

Como já se antecipou, poucas linhas mais acima, António Riço também colaborou por meio de diversas contribuições escritas para a revista *Florinda*. Entretanto – e em linha tanto com o texto desse editorial como com a consideração precedente sobre a nova utilidade da palavra escrita em coerência com a realidade histórica desse tempo – muitos dos textos perderam, como é compreensível, aquela garra que caracterizava a produção de António Riço do período anterior ao 25 de Abril de 1974, conferindo a essas composições em particular umas fortes notas de saudosismo desmistificado. Neste sentido, é suficiente, já desde o primeiro número da revista, ler artigos como “O sindicato como lugar de acção” e “A taberna como lugar de encontro” para entender o sentimento de Riço em relação às realidades que pertencem a um tempo que já não existe mais na altura em que o autor os publicou. Em verdade, dentro da maioria das contribuições que ele nos legou por meio da *Florinda*, podem-se retirar diversas expressões que refletem exatamente esse sentimento, entre outras: “no final dos anos 90, a classe operária é um fantasma que

paíra sobre as ruínas das velhas fábricas, e na sua representação sindical, uma caricatura de si própria, caindo num isolamento político que ainda não terminou (RIÇO, 1998, p. 20); ou, “o tempo da Escola Industrial e Comercial Campos Melo já foi...” (RIÇO, 1999a, p. 32); e, por fim, “nós tínhamos por essa época [de 1970], uma visão utópica da vida, aonde não faltavam lances de destemor e audácia. Teríamos sido capazes de ir: ‘Mais alto e mais além’. Longe vão os tempos dessa generosidade desinteressada” (RIÇO, 2001, p. 32).

Em definitiva, feitas as devidas ressalvas para com certos artigos e poemas publicados ao longo da sua “aventura” na *Florinda*, muitos dos textos desta fase de escrita estão impregnados por uma visão desiludida do autor que, embora não tenha apagado de jeito algum a chama engajada e propositiva própria do seu estilo, resulta em um apego fatalista ao passado que talvez seja fruto, mais uma vez, da leitura efetiva da realidade que o rodeava aquando da já cumprida mudança de essência da cidade de Covilhã, que se converteu de polo industrial em *campus* estudantil universitário. Quiçá o António Riço já tinha pressentido que, quando escreveu que convivia com estudantes dos quais compreendia a inconstância sem acompanhá-la, as vindouras gerações não só não teriam perpetuado o legado milenar da lã, mas também não se teriam comprometido de maneira ativa e coletiva com a vida política *latu sensu*.

Considera-se que ainda valha a pena salientar ao menos duas composições de António Riço que aparecem na *Florinda* e que seguem aquela esteira mais intervencionista do autor que é, no fim das contas, objeto de estudo do presente texto. São elas: “A teia”, um poema de 1977 e incluído no primeiro número, e “Uma grande amizade...”, que remata o segundo exemplar da revista.

Do primeiro texto transcrevem-se aqui as suas palavras na íntegra:

A teia é uma combinação  
de cores e de fios  
entrelaçados na vida  
umas vezes tem a cor do Sol  
e da Esperança  
é como as teias que urdimos  
na infância  
cheias de castelos e batalhas  
de jogos e zaragatas  
empoleirados nas árvores

da via pública  
tomando de assalto as quintas  
e os quintais dos ricos  
aonde roubámos fruta fresca  
para alimentar a nossa fogueira  
e gritar na escola: Porrada! Porrada!

E assim aprendemos a não respeitar  
a propriedade privada  
a vida dava mais voltas e a teia  
entrelaçava  
com 11 anos e o exame da 4.ª classe  
dissemos adeus à infância  
com um naco de pão no bolso  
e a sorrir  
como é próprio de qualquer criança

Nesta pobre cidade  
reina a impaciência  
de nossos pais  
na companhia de uma senhora  
chamada Necessidade  
que um dia nos chamou  
e disse: Meus filhos,  
vós sois como sois!  
Haveis de compreender  
que há escravos e senhores  
Vós ireis ser operários  
para outros serem doutores!

Experimentámos pela primeira vez  
o ruído enorme da fábrica  
o pesado silêncio da servidão  
de quem carrega diariamente  
o enorme fardo da humilhação  
A teia na tecidura dos dias  
e dos anos  
desenrolou seus últimos fios gris  
e a vida do sem-fim já era passado  
tramando o ruído dos teares num  
zunido  
com o silêncio agora percorrido

Sobrou-nos esta estória do



rescaldo breve da refrega, bastão caído em descanso, deu de novo de caras com o porte firme e desafiador da operária Otilia. À distância, ouvia ainda os gritos de desafio daquela mulher...de chanfalho em punho, deixou-se levar pelo lado emocional da questão, deu consigo a replicar aos insultos entre-dentes: “*Galinha choca, vai mas é limpar a capoeira onde vives!... Vai trabalhar!*” Não fora o sabor desta história tipicamente covilhanense, mais as exigências do neo-realismo, aquilo que poderia ter sido o princípio de uma grande amizade, ia ter o seu epílogo em recíprocos e raivosos insultos. Ouviu o último arremessado pela Otilia: “*Se todos os polícias fossem como tu, já tínhamos tomado o poder!...*” (RIÇO, 1997b, p. 36).

### 3 UMA PROPOSTA DE CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA DE ANTÓNIO RIÇO NA LITERATURA PORTUGUESA

À luz de todos esses elementos, ou melhor, tendo-se em particular consideração as temáticas abordadas na obra de António Riço aqui analisada e o contexto histórico em que esta última foi produzida, considera-se oportuno trazer para esta discussão uma proposta de enquadramento do trabalho desse autor dentro do panorama literário português.

É consensual, de fato, o posicionamento de diversos críticos – conforme nos lembra Juarez Donizete Ambires (2013) – que estabeleceram como marcos do movimento artístico-literário conhecido como Neorrealismo as datas de 1939 e de 1974, respetivamente ligadas à publicação do romance *Gaibéus* de Alves Redol e, como já foi mencionado, à Revolução dos Cravos.

Ora, como é evidente, tendo nascido em começos da década de quarenta, António Riço, sobretudo em virtude das suas vivências diretas como operário e do seu percurso formativo como autor, em que – reitera-se – é de significativa importância a componente autodidata, representaria, em hipótese, um válido candidato a ser considerado como escritor neorrealista. Para esse efeito, não só concorreriam a coincidência desse escritor se encaixar, biograficamente falando, no intervalo temporal que abrange tanto o auge do mencionado movimento artístico-literário como o seu encerramento, ou as temáticas proletárias tratadas nos seus escritos, cuja presença claramente é relevante, mas não determinante por si; pelo contrário, pode-se dizer que o indício mais simbólico – que, inclusive, motivaria um questionamento mais ponderado sobre a

eventual inclusão de uma parte da obra de António Riço sob a denominação de “neorrealista” – nos seja dado pelo próprio autor.

Com isto, volta-se a convocar uma parte do último excerto citado do texto “Uma grande amizade”, chamando em particular a atenção sobre a alusão direta ao dito movimento artístico-literário. Nas palavras de António Riço: “não fora o sabor desta história tipicamente covilhanense, mais as exigências do neo-realismo” (RIÇO, 1997b, p. 36).

Através desse último depoimento, quer-se demonstrar apenas que, como resulta ser evidente a partir dessas palavras, estava bastante claro ao operário-escritor o fato que existisse uma estética neorrealista, cujas “exigências”, ou, utilizando uma outra palavra, cujos valores podiam ser abraçados na elaboração de um texto escrito.

Ora, antes de avançar com esta proposta de contextualização da obra de António Riço dentro da estética neorrealista, é preciso também colocar em evidência o seguinte fator, relativo à produção literária desse autor e que está indissolúvelmente ligado, de novo, com a sua experiência biográfica: com efeito, não se pode desconsiderar a situação de marginalidade em que se encontram tanto o escritor como a sua própria obra. Inclusive, é suficiente realizar uma rápida pesquisa na internet para confirmar essa realidade factual, isto é, praticamente não existe qualquer referência a António Riço. E se, por um lado, o propósito principal deste artigo centra-se, precisamente, no resgate dessa figura singular dentro do panorama literário português, ao mesmo tempo é de aproveitar este ensejo para refletir-se, de forma pontual, sobre os mecanismos de classificação das produções literárias em determinados gêneros ou de canonização das mesmas.

Portanto, voltando ao questionamento que foi levantado e deixado em aberto nesta última seção deste artigo, ou seja, se se poderá considerar a escrita de António Riço como neorrealista, responde-se da seguinte maneira: admitindo que existam, como já foi mencionado, pontos de contato entre a estética neorrealista e a produção literária de António Riço, terá alguma utilidade efetiva, nos tempo atuais, tentar atribuir qualquer tipo de rótulo, nesse sentido, tanto para a obra como para o seu criador?

Sendo assim – e imaginando-se ter agora aberto a discussão, embora de forma implícita, para um leque de reflexões que poderiam envolver também a questão que contrapõe a qualidade estilística ao conteúdo em si das obras –, torna-se oportuno evocar a figura do crítico português Alexandre Pinheiro Torres, cujas palavras, em um texto redigido em

ocasião da morte do célebre escritor Ferreira de Castro, parece que, embora tenham sido escritas em guisa de apologia da produção literária deste último, possam ser aplicadas também ao caso aqui em análise:

Para ele o necessário [...] era dizer, mostrando **como** os portugueses viviam, o que é que eles **eram**, e dizê-lo bem alto ao mundo que sempre o leu, uma vez que pronunciá-lo era incriminar todo um sistema de repressão de séculos [...] que se agudizava pelos anos 30, e que ia culminar nos fascismos europeus, de que foi, exemplarmente, sempre feroz e estrénuo opositor (TORRES, 1974, p. 18)<sup>3</sup>.

Ora, convocando também para esta reflexão as considerações de Massaud Moisés acerca do movimento neorrealista, é fundamental lembrar, para serem entendidas a pleno as questões geradas pelo debate endógeno dessa corrente artístico-literária, que esta última está assentada sobre um “fundo doutrinário” (MOISÉS, 2002, p. 207), cujos alicerces são o materialismo histórico e o materialismo dialético. E, de acordo com esse crítico brasileiro, é preciso admitir, justamente, “que nem todos os intervenientes na questão doutrinária do neo-realismo possuíam, para além da convicção ideológica, a cabeça filosófica que o assunto requeria” (MOISÉS, 2002, p. 223). Logo, aplicando-se esse tipo de constatação também ao ato em si do processo de criação literária e sem querer retirar-se qualquer mérito à escrita de António Riço, torna-se evidente que antes de se falar, neste caso específico, em um estilo neorrealista ou uma filiação direta a essa estética, seria mais oportuno reconhecer o caráter interventivo e engajado da obra desse autor.

Com isto, voltando para o texto de Alexandre Pinheiro Torres, cujas palavras foram o mote para esboçar um paralelismo ideológico entre António Riço e Ferreira de Castro<sup>4</sup>, esse crítico diz-nos – sempre em tom apologético – que o segundo, embora fosse “o escritor simples, sem «literatura»; nem pose de erudições francesas, nem bossa para glosador das modas além-pirenaicas”, era tudo menos que um escritor medíocre, contrariando os detratores do autor d’*A selva* (1930) e que foram tachados, juntando as expressões do próprio crítico, como “donos de uma literatura sem testículos” (TORRES, 1974, p. 18).

<sup>3</sup> As duas palavras “como” e “eram” estão em negrito no texto original.

<sup>4</sup> Mais ainda está motivado o paralelismo entre esses dois escritores se se considerar que, dentro do volume *Revivências* de António Riço, há um texto de homenagem ao romance *A lã e a neve* de Ferreira de Castro, escrito em ocasião do quadragésimo aniversário da sua primeira publicação.

Em suma: mesmo admitindo que António Riço tivesse conhecimento efetivo da existência de uma estética neorrealista, cujas linhas orientadoras ideológicas e doutrinárias podiam inclusive ter sido em boa parte assimiladas pelo operário-escritor, e, ao mesmo tempo, relembrando, junto com Massaud Moisés, que essas mesmas linhas não eram nem de interpretação nem de apanágio unânime, não será melhor aprofundar as eventuais ligações da obra de António Riço com o Neorrealismo em outro trabalho, ou, simplesmente, tal como aconteceu com Ferreira de Castro, antes conhecer e valorizar as mensagens que ele, através dos seus escritos, nos legou?

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegados neste ponto, julga-se que se pode dizer que António Riço é, a todos os efeitos, um modelo exemplar de – usando uma expressão na língua dos Lords – *self-made man*, tanto no que toca à apropriação autônoma das ferramentas para a escrita, assim como no que diz respeito ao percurso de autoaprendizagem que tem trilhado para utilizar de maneira mais eficaz e consciente, conforme a sua visão pessoal do mundo, aqueles mesmos utensílios, isto é, as palavras.

De resto, no prefácio de *Revivências*, o escritor João Morgado diz-nos sobre o autor desse livro que:

António Riço foi o seu próprio mestre. Inconformado, lutou por algo mais. Lutou por ter uma consciência social, por entender o mundo que o rodeava, por entender o movimento das ideias, por ter mais cultura. Despertou para a palavra, quando as palavras livres ainda eram proibidas. Formou-se nos partidos de esquerda, nos movimentos operários, nos solidários sentimentos de classe. Entregou-se a ideias. [...] António Riço é o produto do seu esforço abnegado por crescer. Fruto desse empenho, surge este livro que retoma muitas das crónicas que escreveu para diversos jornais. Uma escrita que denota uma cultura forjada na sua vivência e numa capacidade de luta admirável. [...] Um ponto de vista importante para compreender a Covilhã. Para compreender que na história de uma região, entre as datas e os acontecimentos, houve ambientes humanos. António Riço teve a coragem de reflectir essas vivências, a coragem de lhes juntar a sua análise e a sua opinião (RIÇO, 1999b, p. 5).

Contudo, é preciso acrescentar um importante adendo a esse depoimento de Morgado: a escrita de António Riço tem o grande mérito de ter retratado, para além dos cenários e das vicissitudes humanas, aquela que era uma realidade desumanizante. É por essa razão que, agora de acordo com o autor da “Trilogia dos Navegantes”, torna-se admirável a coragem de um homem que, sem estudos e durante um período de Ditadura, conseguiu atirar diversas pedras que, sucessivamente, converteram-se em sementes para que fossem deitadas para o chão.

Portanto, levando em conta isso tudo, pode-se considerar como mais do que cumprido o propósito inicial. Inclusive, retomando as palavras da composição de Jorge Fernando, citadas no começo deste artigo, é oportuno incluir a seguinte consideração: António Riço não está, de forma alguma, esquecido naquilo que se considera “a história da gente”; porém, feita exceção por aqueles que tiveram acesso a este texto e aquelas pessoas que, de fato, conhecem esse operário-escritor, a figura ímpar de António Riço está a desaparecer, engolida por um véu de esquecimento mais denso do que aqueles nevoeiros que se formam na região da Serra da Estrela, no sopé da qual, em uma das suas vertentes, encontra-se a Covilhã.

Afinal de contas, se pensarmos na expressão popular *recordar é viver*, este trabalho quis resgatar uma parte daquilo que tem sido a experiência de vida de António Riço, à qual se junta e complementa a sua obra escrita, legado de coragem e de grande valor humanístico que acrescenta algo não só à Literatura local da cidade de Covilhã, mas dir-se-ia que representa uma outra voz permeada – ao par do escritor Ferreira de Castro, cujo romance *A lã e a neve* (1947) muito deve ter influído na pessoa de António Riço – pelos ideais de liberdade e solidariedade entre os seres humanos<sup>5</sup>.

## REFERÊNCIAS

AMBIRES, J. D. O neorrealismo em Portugal: Escritores, história e estética. *Revista Trama*, vol. 9, n. 17, p. 95-107, 1º semestre de 2013. Disponível em:

---

<sup>5</sup> Antes do encerramento definitivo, levanta-se aqui um apelo para que as instituições da cidade de Covilhã, nomeadamente a Câmara e a Universidade da Beira Interior, unidamente às associações e os grupos recreativos locais, possam, em ação sinérgica, a partir de situações como aquela descrita neste artigo, valorizar e preservar verdadeiramente um património que se está a perder apenas por causa de descuido e descaso. Porém, já se conhecem aquelas que podem ser as consequências nefastas de um povo incultivado e que ignora as próprias raízes quer históricas, quer culturais. O António Riço, bem ciente disso, lutou durante a sua vida inteira para sarar e, em seguida, desconjurar a eventual reaproximação desse perigo: agora nos toca, dando continuidade ao seu legado, deitarmos ao chão as novas sementes dos nossos ideais, cuidá-las e fazer com que cresçam, evitando que o esforço titânico desse operário-escritor tenha sido em vão.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/8207>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MOISÉS, M. O Neo-Realismo: arte e ideologia. *As estéticas literárias em Portugal – vol. 3: século XX*. Lisboa: Caminho, 2002, p. 193-292.

PINHEIRO, E.; SILVA, M. S. A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re)construção das memórias industriais da cidade. *Ubimuseum. Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, n. 1, p. 53-73, 2012. Disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/artigos.html>. Acesso em: 25 ago. 2021.

RAMOS, M. S. *Café Montalto*. 2.ed. Coimbra: Alma Azul, 2004.

RIÇO, A. Editorial. *Florinda. Revista Cultural – Edição da Câmara Municipal da Covilhã*, Covilhã, ano 1, n. 1, p. 1, jun./jul./ago. 1997a.

RIÇO, A. A teia (1977). *Florinda. Revista Cultural – Edição da Câmara Municipal da Covilhã*, Covilhã, ano 1, n. 1, p. 16, jun./jul./ago. 1997a.

RIÇO, A. Uma grande amizade... *Florinda. Revista Cultural – Edição da Câmara Municipal da Covilhã*, Covilhã, ano 1, n. 2, p. 35-36, out. 1997b.

RIÇO, A. O espaço e o tempo da cidadania social. *Florinda. Revista Cultural – Edição da Câmara Municipal da Covilhã*, Covilhã, ano 2, n. 4, p. 18-20, out. 1998.

RIÇO, A. A Covilhã e as fábricas. *Florinda. Revista Cultural – Edição da Câmara Municipal da Covilhã*, Covilhã, ano 1 [sic], n. 6, p. 31-32, out. 1999a.

RIÇO, A. *Revivências*. Prefácio de João Morgado. Covilhã: Kreamus, 1999b.

RIÇO, A. Cantar a vida desde pequenino. *Florinda. Revista Cultural – Edição da Câmara Municipal da Covilhã*, Covilhã, ano 3, n. 7, p. 37, abr. 2000.

RIÇO, A. Emigração. Questão do passado e do presente. *Florinda. Revista Cultural – Edição da Câmara Municipal da Covilhã*, Covilhã, ano 3, n. 9, p. 31-33, nov. 2001.

TORRES, A. P. Uma compreensão do povo português. *Colóquio/Letras*, [s.l.], n. 21, p. 17-18, set. 1974. Disponível em: <https://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=21&p=17&o=p>. Acesso: 25 ago. 2021.

**ANEXO: NÚMEROS COMPLETOS DA REVISTA CULTURAL *FLORINDA*<sup>6</sup>**

1. Existiu uma cultura operária na Covilhã? Disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/CamaraPublicacoes/RevistaFlorinda01.pdf>.
2. Escritores do Concelho da Covilhã. Disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/CamaraPublicacoes/RevistaFlorinda02.pdf>.
3. Rural e Urbano. Disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/CamaraPublicacoes/RevistaFlorinda03.pdf>.
4. Para Uma Forte Cidadania. Disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/CamaraPublicacoes/RevistaFlorinda04.pdf>.
5. Etnografia e Artesanato. Disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/CamaraPublicacoes/RevistaFlorinda05.pdf>.
6. Da Escola Técnica Campos Melo do passado Até à Escola Secundária Campos Melo do Presente. Disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/CamaraPublicacoes/RevistaFlorinda06.pdf>.
7. Poetas do Concelho da Covilhã. Disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/CamaraPublicacoes/RevistaFlorinda07.pdf>.
8. Poetas do Concelho da Covilhã II. Disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/CamaraPublicacoes/RevistaFlorinda08.pdf>.
9. A Emigração no Concelho da Covilhã. Disponível em: <http://download.cm-covilha.pt/pdf/CamaraPublicacoes/RevistaFlorinda09.pdf>.

Recebido em 19 de abril de 2021

Aprovado em 21 de agosto de 2021

Riccardo Cocchi

Mestrando em Estudos Portugueses Multidisciplinares na Universidade Aberta e Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas na Universidade de Turim (Itália).

Contato: [riccardo.cocchi@live.it](mailto:riccardo.cocchi@live.it)

 <https://orcid.org/0000-0003-3419-6139>

A Revista *Desassossego* utiliza a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.

<sup>6</sup> Todos os URLs foram acessados no dia 25 de agosto de 2021. Optou-se por esta solução de disponibilizar esses endereços eletrônicos porque, através de uma simples pesquisa na internet, não é possível ter acesso direto a todos os números da revista. A Câmara da Covilhã deveria ser solicitada para, no seu site oficial, voltar a reestabelecer a ligação para consentir a livre fruição não só aos seus munícipes, mas também a todos os outros indivíduos interessados.